

O Uso de Recurso Didático no Ensino de Inglês
The Use of Didactical Resources in English Language Teaching

Ana Cristina Messias Rodrigues¹

Neila Nunes de Souza²

Universidade Federal do Tocantins

Resumo: A ideia de trabalhar História em Quadrinhos (HQs) no Ensino de língua Inglesa surgiu na disciplina de estágio obrigatório II da Universidade Federal do Tocantins. Para tanto, foram organizadas quatro oficinas pedagógicas, com a temática de Histórias em Quadrinhos e a sua importância como recurso para a aprendizagem da Língua Inglesa. Os objetivos consistiram em visar o uso de histórias em quadrinhos como ferramenta pedagógica mediadora do Ensino de Línguas, e os aspectos favorecedores a sua utilização. Com vista a compreender a complexidade e da importância das HQs, fizemos as seguintes perguntas de pesquisa "*por que estudar quadrinhos?*" e "*o que quadrinhos tem haver com inglês?*" Assim, nos embasamos em Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), (PATATI; BRAGA, 2006, p. 9), Marcuschi (2003), entre outros. O estudo proporcionou perceber algumas vantagens de utilizar as Histórias em Quadrinhos no ensino de Língua Inglesa.

Palavras-chave: Histórias em Quadrinho; Ensino; Recurso Didático.

Abstract: The idea of working with comic books in English language teaching emerged in the subject of compulsory internship II of the Federal University of Tocantins. To this end, four pedagogical workshops were organized, with the theme of Comic Books and its importance as a resource for learning the English Language. The objectives were to focus on the use of comic books as a pedagogical tool mediating Language Teaching, and the aspects favoring its use. In order to understand the complexity and importance of comics, we asked the following research questions "why study comics?" and "What comics does English have?" Thus, we are based on Dolz, Noverraz and Schneuwly (2004), (PATATI; BRAGA, 2006, p.9), Marcuschi (2003), among others. The study showed some advantages of using the Comics in English language teaching.

Key-words: Comics; Teaching; Didactic Resource.

Recebido em 27 de junho de 2019.

Aprovado em 29 de julho de 2019.

Introdução

A ideia de trabalhar história em quadrinhos no Ensino de língua Inglesa surgiu na disciplina de estágio obrigatório II, da graduação curricular do Curso de Letras da Universidade Federal do Tocantins, qual ao entrar em contato com a escola de realização do estágio a professora regente propôs a realização de oficinas com o tema de *Segregação socioespacial* utilizando a língua inglesa, pois iria haver uma feira de ciências na escola

¹ Graduanda do Curso de Letras - Inglês, na UFT, Campus de Porto Nacional, TO.

² Docente no Curso de Letras, no Programa PPG de Letras do Campus de Porto Nacional, da UFT.

e os alunos apresentariam esse tema. Para tanto, passamos a busca de informações sobre como montar uma oficina utilizando esse tema.

Levando em consideração o interesse por esse gênero, principalmente voltado para a presença de heróis, mais especificamente as histórias da Marvel e DC³, e ao gênero mangá⁴, aos quais ou são de origem inglesa ou tem suas principais traduções voltadas para esta língua, sendo difíceis de serem encontradas em suas principais versões com traduções. Nesse sentido, visamos o uso de histórias em quadrinhos como ferramenta pedagógica mediadora do Ensino de Línguas e os aspectos favorecedores a sua utilização. Além disso, o ensino com as histórias em quadrinhos justifica-se pelo fato deste material estar presente no cotidiano dos alunos, sendo uma leitura comum entre os jovens.

As histórias em quadrinhos são também conhecidas como HQs, *comics*, tirinhas ou até mesmo gibis e são “um dos mais difundidos e populares meios de fabulação visual do planeta” (PATATI; BRAGA, 2006, p. 9). Segundo Feijó (1997, p. 7) como são chamados não tem tanta importância, o que importa mesmo é o “espírito da coisa”, de acordo com o autor, os HQs são uma “imaginação traduzida visualmente para encantar e apaixonar gerações”. Levando em consideração essa perspectiva o artista norte-americano Will Eisner (1995, p. 5), define as histórias em quadrinhos como uma “arte sequencial”, isto é, uma “forma artística e literária que lida com a disposição de figuras ou imagens e palavras para narrar uma história ou dramatizar uma ideia”.⁵ Levando isso em consideração

As histórias em quadrinhos são enredos narrados, quadro a quadro, por meio de imagens e textos que utilizam o discurso direto, característico da língua falada. A construção da história em quadrinhos possui em seu texto escrito, características próximas a uma conversação face a face, além de apresentar elementos visuais (imagens) complementadores à compreensão, tornando-a bastante prazerosa, pois a sua leitura causa no leitor um determinado fascínio devido à combinação de todos esses elementos (MARINHO, 2003, p. 1).

Histórias em quadrinhos são uma abordagem de gêneros no ensino de língua estrangeira que vem sendo desenvolvida com a concepção de que o ensino pode ser organizado em forma de Sequências Didáticas, que são nada mais que atividades escolares organizadas sistematicamente em torno de um gênero oral ou escrito, conforme

³Editoras de Quadrinhos americanos e mídias relacionadas a esse ramo.

⁴ Palavra usada para designar histórias em quadrinhos com estilo japonês.

⁵ Veja também Freitas, 2017.

Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). À luz desses teóricos foi realizado a sequência didática apresentada neste estudo, que teve seu primeiro esboço na sala de aula. Contudo, buscamos outros autores e formas de discutir como realizar essas oficinas e de como torná-las mais atrativas para os alunos (OLIVEIRA; SOUZA, 2017 e SILVA, 2017), bem como torná-los mais críticos (SANTOS, 2015).

Levando em consideração Marcuschi (2003), que assegura que os gêneros textuais são fenômenos históricos profundamente vinculados à vida cultural e social, foi onde a ideia de como começar a produzir HQs surgiram, pois contextualizamos tanto culturalmente quanto socialmente e, foi nesse ponto que a sequência didática se iniciou. Foi discutido ainda, o fato de os quadrinhos possuírem uma linguagem específica, que costuma estar associado a charges, cartuns e caricaturas mas, que embora possuam algumas semelhanças em relação às representações gráficas os quadrinhos possuem suas particularidades estruturais, que de acordo com Eisner (1995) uma dessas principais peculiaridades são as representações gráficas sequenciais, ele afirma que a função fundamental das comics ou tiras que:

[...], é comunicar ideias e/ou histórias por meio de palavras e figuras, envolve o movimento de certas imagens (tais como pessoas e coisas) no espaço. Para lidar com a captura ou encapsulamento desses eventos no fluxo da narrativa, eles devem ser decompostos em segmentos sequenciados. Esses segmentos são chamados quadrinhos. Eles não correspondem exatamente aos quadros cinematográficos. São parte do processo criativo, mais do que um resultado da tecnologia (EISNER, 1995, p.38).

Por fim, é necessário uma compreensão da complexidade e da importância das HQs, para que assim o professor se sinta preparado para eventuais perguntas como "*por que estudar quadrinhos?*" ou "*o que quadrinhos tem haver com inglês?*", uma vez que o novo sempre assusta e usar outros gêneros para ensinar língua inglesa é algo que ainda vem sendo desenvolvido.

1. HISTÓRIA EM QUADRINHOS COMO RECURSO DE APRENDIZAGEM NO ENSINO DE LÍNGUAS

1.1 Contextualização histórica das Histórias em Quadrinhos

O surgimento das histórias em quadrinhos veio pela necessidade do homem em representar, por meio de imagens, acontecimentos do seu cotidiano como forma de comunicação, tendo início ainda na pré-história, de acordo com Bibe-Luyten (1987, p. 16): [...] as origens das HQ estão justamente no início da civilização, onde as inscrições rupestres nas cavernas pré-históricas já revelaram a preocupação de narrar os acontecimentos através de desenhos sucessivos. Dessa forma, estes utilizavam as superfícies das rochas e cavernas para registrarem suas caçadas, colheitas e existência de animais com as pinturas rupestres, Vergueiro (2005, p. 8), “o homem primitivo [...] transformou a parede das cavernas em um grande mural, em que registrava elementos de comunicação para seus contemporâneos”.

Contudo, para que as narrativas de histórias em quadrinhos cheguem ao que conhecemos hoje com uma sequência de imagens dispostas em quadros, podendo ter ou não balões, utilizados para expressar falas, sentimentos e pensamentos, além das onomatopeias⁶, houve um longo trajeto e foi necessário a disposição de artistas para que isso acontecesse. Desta forma, segundo Alves,

[...] tal como as conhecemos hoje as histórias em quadrinhos surgiram no século XIX, acompanhando os avanços tecnológicos da imprensa e o desenvolvimento do jornal. Combinando imagem e texto, personagens com traços juvenis, que são heróis e ao mesmo tempo garotos propaganda, as histórias em quadrinhos exercem um fascínio especial sobre as crianças [...] (ALVES, 2001, p. 10).

As histórias em quadrinhos tinham um viés “[...] predominantemente cômicos, com desenhos satíricos e personagens caricaturais. Alguns anos depois [...] enfocavam núcleos familiares, animais”, contudo sempre com a presença do cômico (VERGUEIRO, 2005, p. 10). O autor Bibe-Luyten (1987) trazendo perspectiva de alguns pensadores, diz que a criação do norte americano Richard F. Outcault em 1894 do “Yellow Kid” (O Menino Amarelo) para o jornal New York World pode ser considerado como o marco inicial das histórias em quadrinhos tal qual conhecemos hoje, com a presença imagens e fala dos personagens acompanhando as imagens, pois até então eram postos de forma separada, e esse lançamento logo se tornou de grande atração.

⁶ Onomatopeia, termo designado para formação de uma palavra a partir da reprodução aproximada, com os recursos de que a língua dispõe, de um som natural a ela associado. Nesse sentido, observou-se que os sons dos animais como por exemplo do cachorro que em português é referenciado como “au! au!” e em inglês “woof! woof” possui diferenciação, fato esse que chamou a atenção dos alunos.

Enquanto ao seu surgimento no Brasil, podemos considerar a publicação de Ângelo Agostini, com o personagem Nhô Quim, em 30 de janeiro de 1879, tendo sido publicado na revista *Vida Fluminense*, além disso, essa é a data de comemoração do quadrinho brasileiro (CALAZANS, 2004). Essa HQ contava com personagem fixo, sendo algo não habitual neste período, e eram relatadas a fim de narrar às aventuras de Nhô Quim, sendo ele um jovem rico, ao se apaixonar por uma moça pobre de sua cidade natal se vê obrigado a sair do interior de Minas Gerais para morar no Rio de Janeiro.

1.2 Parâmetro Curricular Nacional (PCN): norteando os estudos de Histórias em Quadrinhos

De acordo com Vergueiro (2005, p. 13) houve um tempo no Brasil em que levar histórias em quadrinhos para a sala de aula era algo inaceitável, não sendo consideradas com finalidade educativa, pois essas não eram aceitas pela população nem como forma de entretenimento. O autor afirma que a sociedade considerava que as HQs não permitiriam o amadurecimento das crianças e jovens, por se tratar de histórias repletas de imagens e com cunho infantil. Além do exposto pelo autor (2005, p. 11) a respeito do psiquiatra alemão, Fredric Wertham, este expôs através de palestras que as HQs teriam influência negativa nas crianças, os tornando desajeitados perante a sociedade. Além de citar exemplos que histórias como as do Batman e Robin teriam por finalidade mostrar a vida de um casal de homossexuais (VERGUEIRO, 2005).

Com isso, tanto os adultos como as crianças não entravam em contato com esse gênero, e seu acesso era limitado, Oliveira (2009, p. 22) alega que: as histórias em quadrinhos eram, até então, acusadas de desestimular a leitura (nesse caso as crianças se tornavam mais preguiçosas ao lerem HQs) e a criatividade, no sentido de que o texto já vinha com desenho do que estava acontecendo nas cenas, não permitindo assim que o leitor imaginasse o que estava acontecendo.

Contudo, quando foram inseridas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) as HQs começaram a ser aceitas perante a sociedade e no ambiente escolar, e a partir disso teve seu espaço conquistado de estarem tanto nos livros didáticos como em vestibulares no geral. O PCN propõe a aplicação das histórias em quadrinhos como recurso didático pedagógico. Pois a partir das HQs os jovens conseguem associar as imagens ao que está sendo dito na história podendo assim agregar um significado, “Como as HQs misturam

texto e imagem, são extremamente atraentes para as crianças. E, como texto e imagem se completam em uma história, é possível tentar interpretar o que está acontecendo sem saber ler o texto” (CARVALHO, 2006, p. 90). Sendo esse o ponto ao qual pode-se levar em consideração no Ensino de Línguas, sobre a seleção de material o PCN diz que

Todo material é fonte de informação, mas, nenhum deve ser utilizado com exclusividade. É importante haver diversidade de materiais para que os conteúdos possam ser tratados da maneira mais ampla possível. O livro didático é um material de forte influência na prática de ensino brasileira. É preciso que os professores estejam atentos à qualidade, à coerência e a eventuais restrições que apresentem em relação aos objetivos educacionais propostos. Além disso, é importante considerar que o livro didático não deve ser o único material a ser utilizado, pois a variedade de fontes de informação é que contribuirá para o aluno ter uma visão ampla do conhecimento. Materiais de uso social frequente são ótimos recursos de trabalho, pois os alunos aprendem sobre algo que tem função social real e se mantêm atualizados sobre o que acontece no mundo, estabelecendo o vínculo necessário entre o que é aprendido na escola e o conhecimento extra-escolar. A utilização de materiais diversificados como jornais, revistas, folhetos, propagandas, computadores, calculadoras, filmes, faz o aluno sentir-se inserido no mundo à sua volta. (BRASIL, 1998, p.1)

De acordo com os PCNs (1997), os conteúdos a serem estudados pelos alunos a fim de que haja uma igualdade nacional, estão estruturados e incluídos no processo de ensino e aprendizagem, e medidos por três eixos norteadores, sendo esse conhecimento sistêmico, conhecimento de mundo e conhecimento da organização dos textos, além de que

a determinação dos conteúdos referentes a tipos de texto (orais e escritos) se pauta por tipos com os quais os alunos nessa faixa etária estão mais familiarizados como usuários de sua língua materna: pequenas histórias, quadrinhas, histórias em quadrinhos, instruções de jogos, anedotas, trava-línguas, anúncios, pequenos diálogos, rótulos de embalagens, cartazes, canções, pequenas notícias (BRASIL, 1998. p. 74)

Dando assim liberdade para trabalhar, nesse sentido o ensino de língua Inglesa, no cunho de que os HQs podem não só enriquecer o vocabulário dos alunos, já que esse gênero associa imagem a língua e, essa apresenta diferentes culturas de diferentes regiões, uma vez que possui um caráter globalizador. Dessa forma, o professor pode trabalhar temas que estão dentro do contexto educacional para o ensino de línguas. Levando isso em consideração as HQs, podem ser utilizada como forma de abranger esses eixos de

ensino aprendizagem, pois a mesma dispõe de uma simplicidade para propagar informações, por se tratar de um gênero animado, atraente e de simples memorização, além de ser um gênero que chama a atenção dos jovens, desenvolvendo assim o ensino a partir de algo que é produzido para o lazer.

A utilização das histórias em quadrinhos como recurso didático no ensino de língua, pode ser umas das maneiras para resolver o um dos problemas que são enfrentados no ensino, “tais como a necessidade de reverter um ensino centrado em procedimentos mecânicos, desprovidos de significados para o aluno” (BRASIL, 1998, p. 15). Já que com o uso das HQs o professor deixa de ser o detentor do conhecimento e passa para o aluno a oportunidade de explorar a imaginação, mudando de uma aula engessada para um momento de maior interação entre professor-aluno e aluno-aluno e fazendo com que este crie solução para problemas expostos, ou apenas explore, de forma sequencial que é abordado pelas HQs. Ainda segundo os PCNs, um objetivo deste a se levar em consideração é ,

[...] Utilizar diferentes linguagens – verbal, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal – como para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação. (Brasil, 1998. p. 7-8).

Dessa forma, a partir das histórias em quadrinhos é possível tratar de conteúdos e de temas propostos pelos professores (as), podendo levar em consideração não só o ensino de língua, mas a partir de temas voltados para questões sociais, meio ambiente, orientação sexual, dentre outros que ainda enfrentam problemas e devem ser estudados. Pois a partir das HQs o aluno utiliza de uma linguagem simples, sendo voltada para a linguagem do dia a dia, além de ser dinâmica e divertida, podendo partir de um vocabulário que já conheça ou a partir de um novo, que o professor deseja trabalhar, criar sua narrativa.

Com as Histórias em Quadrinhos o professor (a) pode planejar aulas comunicativas e voltadas não só para a interpretação de texto como também para a criação de um texto autêntico, possibilitando assim o auxílio no letramento em inúmeras áreas do conhecimento. Nesse sentido, Vergueiro (2005) aborda que há diferentes formas de falas nas HQs dos personagens, com diferentes situações e características físicas, as quais

podem ser usado no método de Ensino Aprendizagem, não só no ensino de língua inglesa como de diversas outras disciplinas.

Os PCNs não predeterminam um método para o Ensino de Línguas, mas estabelecem que a aprendizagem possui uma natureza sociointeracional, cognitiva, afetiva e pedagógica as quais necessitam de uma Compreensão Escrita, na compreensão oral, na produção escrita e na fala⁷. Sendo assim, o professor deve pensar o desenvolvimento de atividades de leitura pautado de forma que desenvolva o letramento crítico do aluno e a educação com base em alguns gêneros textuais, sendo as Histórias em Quadrinhos um dos gêneros que podem ser trabalhados, com vista ao sucesso na aprendizagem. Após pontuarmos sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais e as Histórias em quadrinhos, passaremos a contextualização e a discussão sobre a Base Nacional Comum Curricular.

1.3 Contextualização da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

Quando falamos de ensino de língua estrangeira, mais especificamente a língua inglesa que é definida pela BNCC, sendo que essa é referencial teórico que define as aprendizagens essenciais que todo aluno deve ter na educação básica, como língua obrigatória para os anos finais do ensino fundamental. Ao ensinar Língua inglesa o professor oferece para o aluno uma oportunidade de romper toda e qualquer fronteira que exista atualmente no mundo, uma vez que esse é globalizado.

A língua inglesa é considerada pela BNCC (BRASIL, 2018. p.239) como língua franca e mesmo que existam outras denominações como língua internacional, essas são questionadas por terem um viés eurocêntrico, nesse sentido o conceito de Língua franca vem sendo cada vez mais difundido, uma vez que essa língua que é utilizada por povos de todo o mundo para comunicação, seja na área de comércio internacional ou de turismo, mas é uma língua que quando se viaja pelo mundo seja a mais difundida e com isso

a língua inglesa não é mais aquela do “estrangeiro”, oriundo de países hegemônicos, cujos falantes servem de modelo a ser seguido, nem tampouco trata-se de uma variante da língua inglesa. Nessa perspectiva, são acolhidos e legitimados os usos que dela fazem falantes espalhados no mundo inteiro, com

⁷ Nos PCNs: Compreensão Escrita (*Reading*): (Brasil, 1998. p.89-94), Compreensão Oral (*Listening*): (Brasil, 1998. p.94-96), Produção Escrita (*Writing*): (Brasil, 1998. p.98-101) e Produção da Oral (*Speaking*): (Brasil, 1998. p. 101-103)

diferentes repertórios linguísticos e culturais, o que possibilita, por exemplo, questionar a visão de que o único inglês “correto” – e a ser ensinado – é aquele falado por estadunidenses ou britânicos (BRASIL, 2018. p. 239).

Essa concepção na BNCC acerca do inglês como língua franca busca extrapolar o paradigma de que existe um inglês certo, levando em consideração todos os povos que falam a língua inglesa, uma vez que uma boa parte dos falantes de língua inglesa no mundo são oriundos de um país no qual o inglês não é a primeira língua, deixando assim de lado esse pressuposto de que o inglês correto é o inglês britânico ou inglês americano e passe a fazer parte do inglês internacional.

A BNCC traz três implicações para o inglês, sendo a primeira voltada para a comunicação, como já foi dito, o multiletramento que aborda a questão da necessidade da tecnologia, das mídias sociais e das culturas digitais para a sala de aula. O professor precisa entender que além dos livros e das ferramentas que já são utilizadas para o ensino de línguas, o aluno tem acesso a tecnologia podendo isso ampliar a sua aprendizagem.

E a terceira implicação de que não existe inglês perfeito que imita sotaque, assim, deve se pensar sempre na comunicação e na língua inglesa como facilitadora dessa comunicação. Fazendo com que o professor trabalhe a interculturalidade, que tem por função o entendimento do aluno que além dos países de língua inglesa como EUA, Inglaterra, Irlanda Austrália, entre outros temos também a possibilidade de conhecer novas culturas através da língua inglesa com outros países que possuem o inglês apenas como segunda língua, possibilitando entender a cultura do outro país e levar um pouco da sua cultura. Dessa forma o mundo está se tornando gradualmente mais multilíngue, no qual dessa forma outras línguas começam a ter espaço e o inglês não tenha mais essa visão de que o correto é o nativo como discutido por Moita Lopes (2008), Peterson (2007) e Rajagopalan (2003).

No momento em que o professor conquista o nível de ensinar os alunos e esses conseguem desenvolver a construção do conhecimento na língua estrangeira, fica claro a sua importância pois, os alunos rompem barreiras e começam a experimentar um mundo sem fronteiras, um mundo globalizado, com isso é notável que o ensino de inglês proporciona ao aluno uma imagem de mundo mais vasta e o contato com diferentes culturas, no sentido que estudar uma LE implica no contato com pessoas de diferentes lugares e que possuam diferentes crenças, com isso os PCNs (1998) asseguram que “[a]

aprendizagem de LE é uma possibilidade de aumentar a autopercepção do aluno como ser humano e como cidadão” e nessa perspectiva: diz que,

ao estudar uma LE, o estudante aprende sobre si e sobre o outro. O estudante entra em contato com outra cultura, o que contribui para que ele conheça aspectos culturais diferentes daqueles presentes na sua comunidade. Isso pode levar o estudante a um processo de reflexão acerca do outro e de si próprio (OLIVEIRA, 2009, p. 27).

Destarte Vygotsky (1998) define que o indivíduo se constitui por meio da interação com o meio físico e social, ou seja, é através das práticas sociais que o ser humano vivencia um conjunto de experiências e elabora conceitos, valores e concepções acerca do mundo. Dessa forma, a progressão do ser humano necessita das interações entre o organismo e as condições históricas e culturais da vida social e essa se dá por meio da linguagem, sendo esse indispensável para mediar o pensamento e a ação. Para Vygotsky a linguagem é crucial na estruturação do pensamento, em razão de que ao entender o pensamento do outro pode-se entender o outro e, dessa forma há uma troca de conhecimento através da linguagem.

Assim a Base Nacional Comum Curricular traz 5 eixos estruturantes para o ensino de língua inglesa, que pode ser considerado um avanço para o ensino, transforma o nosso objeto de aula em práticas de linguagem, sendo esses eixo da oralidade, leitura, escrita, conhecimento linguístico e dimensão intercultural que apesar de estarem bem descritos separadamente no documento, eles necessitam de serem trabalhados de forma conjunta e, assim evitando aulas fragmentadas e voltadas apenas para o ensino léxico ou ensino linguístico, ou seja, o ensino da gramática ou o ensino e da oralidade. Assim, apresentaremos no próximo item as possibilidades de aprendizagem com as histórias em quadrinhos a partir da Base Nacional Comum Curricular.

1.4 A BNCC e as possibilidades de aprendizagem com as Histórias em Quadrinhos

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) aborda o ensino de língua inglesa de maneira a combater os preconceitos linguísticos e conseqüentemente, sociais. Para tanto se baseia em cinco eixos estruturantes com base em práticas da linguagem, sendo esses o eixo da oralidade, leitura, escrita, conhecimentos linguísticos e dimensão intercultural.

O eixo da oralidade,

proporciona o desenvolvimento de uma série de comportamentos e atitudes – como arriscar-se e se fazer compreender, dar voz e vez ao outro, entender e acolher a perspectiva do outro, superar mal-entendidos e lidar com a insegurança, por exemplo (BRASIL, 2018. p. 243).

Dessa forma, a partir das histórias em quadrinhos os alunos podem desenvolver a interação com os colegas ao mesmo momento que há o uso da oralidade como forma de apresentação do desenvolvidos por eles, mesmo que sem um conhecimento fluente de língua, podendo se ajudar de linguagens não verbais, como gestos e sons. Podendo assim fazer uso das próprias onomatopeias como recurso de ajuda no momento de oralidade. O segundo eixo é o eixo da leitura, sendo que este promove,

o desenvolvimento de estratégias de reconhecimento textual (o uso de pistas verbais e não verbais para formulação de hipóteses e inferências) e de investigação sobre as formas pelas quais os contextos de produção favorecem processos de significação e reflexão crítica/problematização dos temas tratados (BRASIL, 2018. p. 243-244).

Dessa forma a leitura não ocorre somente através de textos, as imagens também possuem significados, sendo assim o professor pode usar imagens para fazer com que os alunos reflitam sobre determinado tema, usando imagens que abordam temas críticos e problematizar um assunto através de uma imagem. As histórias em quadrinhos trazem a combinação de imagens com palavras, facilitando assim uma interpretação do aluno pelo que o HQ aborda, desenvolvendo assim uma criticidade a partir das imagens e do que é dito nos balões.

O terceiro eixo é o da escrita, e este considera dois aspectos no ato de escrever, podendo ocorrer de forma processual e coletiva ao qual pode ocorrer de forma coletiva ou individual, e o ato de escrever como prática social, que têm por finalidade uma escrita na qual os alunos são os protagonistas sendo assim esse eixo “se inicia com textos que utilizam poucos recursos verbais (mensagens, tirinhas, fotolegendas, adivinhas, entre outros) e se desenvolve para textos mais elaborados (autobiografias, esquetes, notícias, relatos de opinião, chat, folder, entre outros)” (BRASIL, 2018. p. 244).

O quarto eixo é conhecimentos linguísticos o qual “consolida-se pelas práticas de uso, análise e reflexão sobre a língua, sempre de modo contextualizado, articulado e a serviço das práticas de oralidade, leitura e escrita” (BRASIL, 2018. p.245). Sendo este um conjunto dos outros eixos, para a reflexão sobre funcionamento da língua inglesa, no qual de forma contextualizada, se encaixando nesse ponto o uso de HQs, é possível que

haja uma aprendizagem significativa ao ponto de que o aluno não tem apenas um texto solto.

O quinto eixo é a dimensão intercultural, sendo que esse de acordo com Brasil (2018) há a compreensão de que vivemos em uma sociedade contemporânea ao qual está repleto de culturas e estamos em um processo contínuo de interação e (re)construção. Sendo assim,

diferentes grupos de pessoas, com interesses, agendas e repertórios linguísticos e culturais diversos, vivenciam, em seus contatos e fluxos interacionais, processos de constituição de identidades abertas e plurais. Este é o cenário do inglês como língua franca, e, nele, aprender inglês implica problematizar os diferentes papéis da própria língua inglesa no mundo, seus valores, seu alcance e seus efeitos nas relações entre diferentes pessoas e povos, tanto na sociedade contemporânea quanto em uma perspectiva histórica (BRASIL, 2018. p.245).

Nesse sentido, ao abordar o ensino de línguas a partir do HQs, o professor pode levar em consideração o fato de que há uma diversidade nesse gênero, como as produções da Marvel, que traz heróis de diversas nacionalidades, e a partir desse ponto exibir o fato de que não se existe mais um inglês perfeito de língua franca, trazendo assim o inglês como língua franca, e permitindo que os alunos tenham essa percepção com o seu inglês, não se prendendo e exigindo por parte destes um inglês perfeito de sotaque americano.

2. FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS: A DESCRIÇÃO DOS SUJEITOS E DO LOCAL DE PESQUISA

O presente trabalho foi desenvolvido através da aplicação de oficinas realizadas com um grupo de 14 alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, uma escola conveniada com a Secretaria Estadual de Educação, situada no município de Porto Nacional - TO, sendo essa fundada em 1904, pelas irmãs Dominicanas de Monteils-França.

A escola abrange alunos do Maternal - Maternal I, Maternal II, 1º período, 2º período - até os alunos da 3ª série do Ensino Médio. Sendo que todo o processo, foi realizado com as turmas de 9º ano, nessa escola que possui quatro turmas, intituladas de “9º A”, “9º B”, “9º C” e “9º D”, todas as salas de aula possuem ar condicionado e TV, sendo esses elementos que fizeram toda a diferença nas etapas de aplicação.

Embora ainda se encontrem barreiras no uso de mídias dentro da sala de aula essa escola não parece ter problemas com isso quando insere uma TV como recurso de ensino.

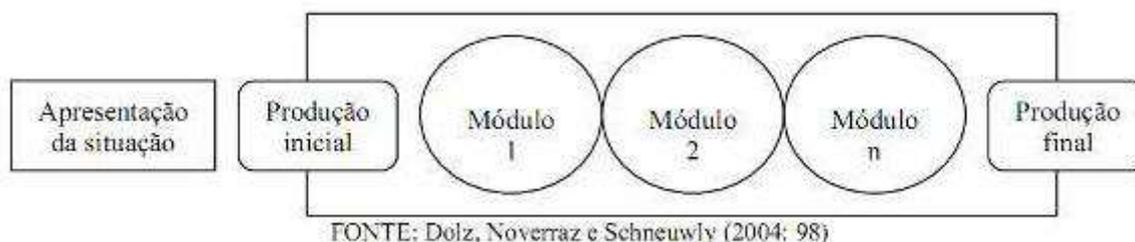
Nesse caso, percebe-se uma ligeira mudança tanto no pensamento dos educadores quanto na própria sociedade escolar, como afirma Guareschi (2005, p.33), “Se a sociedade está mudando de forma tão rápida a escola não pode esperar, precisa se destacar, conhecer e explorar as preferências e interesses de sua clientela. Incluir a mídia televisão em seu espaço acadêmico é uma forma de fazer o diferencial”.

2.1 As oficinas de Histórias em Quadrinhos

A Ideia de trabalhar história em quadrinhos no Ensino de língua Inglesa surgiu na disciplina de estágio obrigatório II, do curso de letras enquanto licenciatura da UFT, quando ao entrar em contato com professora regente da disciplina de inglês da escola a mesma propôs a realização de oficinas com o tema de Segregação socioespacial utilizando a língua inglesa, e teve como finalidade a apresentação dos alunos em uma feira de ciências que aconteceria na escola, ficando os alunos responsáveis por apresentar esse tema.

Para desenvolver essa oficina foi levado em consideração o modelo de sequência didática sugerido por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), o qual tem início com a apresentação de uma situação para os alunos que estão participando do projeto, nesse caso voltado para a segregação espacial. Posteriormente, é pedido para que os alunos façam uma produção inicial, para que a partir desse momento seja possível diagnosticar o quanto o aluno sabe sobre esse gênero, para que em seguida o professor possa intervir, utilizando-se assim dos módulos 1, 2 e 3 para cobrir essas lacunas de aprendizagem e por fim há uma produção final que apresentará o conhecimento adquirido após a sequência didática. O gráfico (figura1) apresenta este esquema:

FIGURA 1 – Esquema da Sequência Didática



A realização das oficinas foram divididas em quatro dias e cada dia dividido em dois momentos, os quais para iniciar havia uma explicação teórica para que em seguida os alunos produzissem algo com o que foi explanado e no final apresentassem de forma oral para os seus colegas o que haviam produzido, sempre fazendo o máximo de uso de língua inglesa, pois este era o foco principal das oficinas.

Os resultados das oficinas foram apresentados na feira de ciência que ocorreu no dia 14 de setembro, na escola de realização do estágio e essa foi intitulada *Social Comics* e contou com a participação de todos os 14 alunos. A feira de ciência ocorreu durante todo o período da tarde e adentrou a noite, a sala de aula que ocorreu a oficina estava enfeitada com diversas onomatopeias e contava com uma fila de pessoas para entrar e participar, fato esse que mostra o real interesse dos alunos pelo gênero.

Para esse dia os alunos ficaram responsáveis de apresentar um teatro representando a segregação socioespacial, além de, passarem o conhecimento adquirido durante as oficinas sobre o que é história em quadrinho e como elaborar uma, pois as pessoas ali presentes poderiam também participar elaborando sua própria História em Quadrinho em inglês, e mesmo se não tivessem muito conhecimento de língua os alunos estavam ali presentes para ajudar.

Para a apresentação os alunos dividiram a sala em três ambientes, o primeiro representando a sociedade de classe média alta, o segundo a classe "média" o terceiro as favelas, no chão da sala havia balões de fala nos quais um personagem de cada ambiente estava dentro. O teatro começou com duas meninas falando sobre o que iria acontecer, primeiramente uma falou em inglês, pois a oficina era da referida disciplina e tinha essa proposta, seguida por sua colega que fez uma tradução do que foi dito por ela. A apresentação foi feita para representar uma manifestação sobre a segregação socioespacial no Brasil, como se fosse uma reportagem de TV.

Assim, com intuito de proporcionar ao leitor um melhor entendimento sobre a realização das atividades, apresentaremos no próximo item, resultados e discussões, o relato das oficinas realizadas na escola.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este item apresenta as oficinas realizadas acerca do uso das Histórias em Quadrinhos na escola que compreenderam um período de quatro dias seguidos das

discussões das atividades. O objetivo final de toda a oficina era a apresentação e conscientização da população durante a feira de ciências da escola. A professora regente convidou 14 alunos dos 9º anos para participar dessas oficinas que até então ocorreriam durante a semana no horário contrário a aula deles.

3.1 1º Dia de oficina pedagógica

No dia 27 de agosto de 2018 às 14 horas e 30 minutos, na presença da professora regente e da professora orientadora do projeto foi realizada a primeira oficina com o gênero discursivo **quadrinhos**, na qual foi trabalhada a Segregação socioespacial, trazendo assim a transdisciplinaridade para as oficinas de inglês.

A oficina se iniciou com uma apresentação para os alunos sobre a importância dos quadrinhos, projetando os slides em uma televisão que estava na sala, com foi apresentado uma pequena citação do jornal britânico *The Guardian*, que diz que "graphic novels are a great way to inspire students of all ages and abilities about English literature and language⁸", com isso seguiu-se para a pergunta: **O que são histórias em quadrinhos?** Após explicar acerca das principais características das HQs, quais os objetivos e principalmente os variados gêneros e estilos, foi apresentado para esses alunos os seguintes estilos de HQs: *Graphic novels Comics, Tirinha Cartum, Mangá, Webcomics, fanzine e Charge*.

Em seguida foi entregue para cada um uma apostila impressa chamada *Adventures in cartooning* e solicitado para que os alunos fizessem as atividades da página 05 (figura 02) e da página 07 (figura 03).

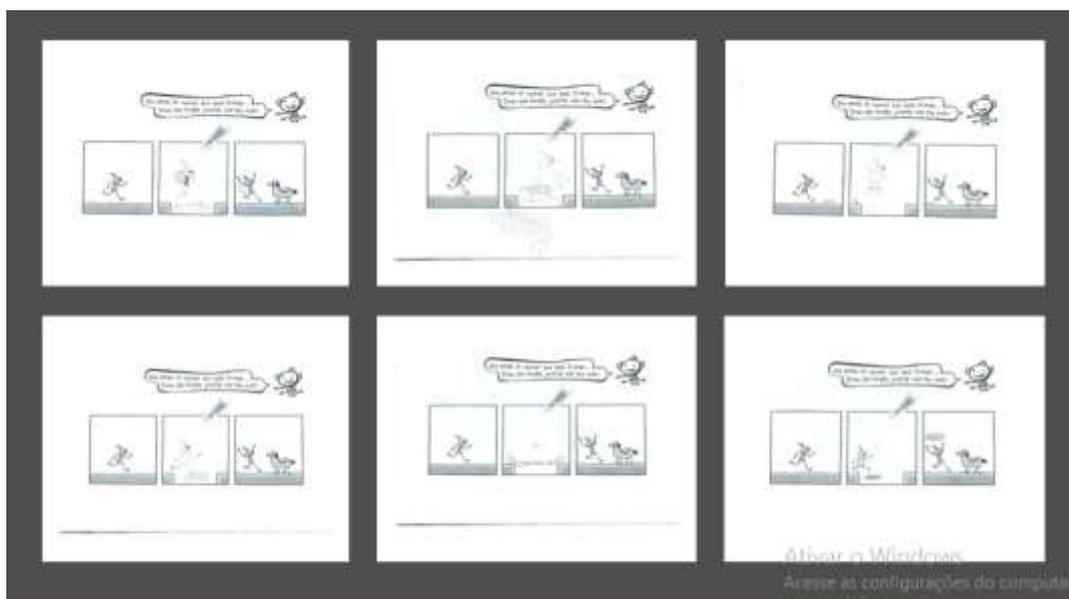
Figura 02 - Atividades da página 05, apostila *Adventures in cartooning*.

⁸ “graphic novels são uma ótima maneira de inspirar estudantes de todas as idades e habilidades sobre literatura e língua inglesa.”



Fonte: Atividades realizadas pelos alunos (27/08/2018).

Figura 03 - Atividades da página 07, apostila *Adventures in cartooning*.



Fonte: Atividades realizadas pelos alunos (27/08/2018).

Os alunos ficaram bem empolgados com a atividade pois eles puderam utilizar a criatividade para criar um personagem próprio e utilizá-lo para resolver um problema. Em seguida foi entregue uma folha A4 para cada aluno é solicitado para eles que fizessem uma tirinha de no mínimo três quadros (figura 4), cada aluno teve a liberdade de escolher sobre o que iriam falar. Os alunos foram muito participativos e interagiram tanto entre eles o quanto com a estagiária, que estava ali para tirar dúvidas. Quando eles terminaram as tirinhas foi solicitado que apresentassem o que haviam feito usando o máximo de língua inglesa possível, para que em seguida fossem liberados.

Figura 04 – Produção livre.



Fonte: Atividades realizadas pelos alunos (27/08/2018).

3.2 - 2º dia de oficina pedagógica

Ocorreu no dia 03 de setembro de 2018 às 14 horas e 30 minutos, na presença da professora regente e da professora orientadora. Dos 14 alunos que foram convidados para participar dessas oficinas somente 11 alunos compareceram no segundo encontro, alguns não puderam ir por causa das provas e dos cursinhos de inglês que chocou com o horário da oficina.

Nessa aula foi apresentado para os alunos os Balões de fala dentro das histórias em quadrinhos, além de evidenciar as características e os diferentes estilos de cada um desses balões, sempre fazendo uso da língua inglesa para nomeá-los. Alguns dos balões apresentados para os alunos foram: Speech Balloon⁹, Thought Balloons¹⁰, Burst Balloons or Shout Balloons¹¹, Whispering Balloon¹².

Antes de iniciar a proposta do dia de apresentar os balões, solicitamos que ao alunos criassem um dialogo na pagina 9 (figura 5), levando em consideração a página 7

⁹ Balão de fala.

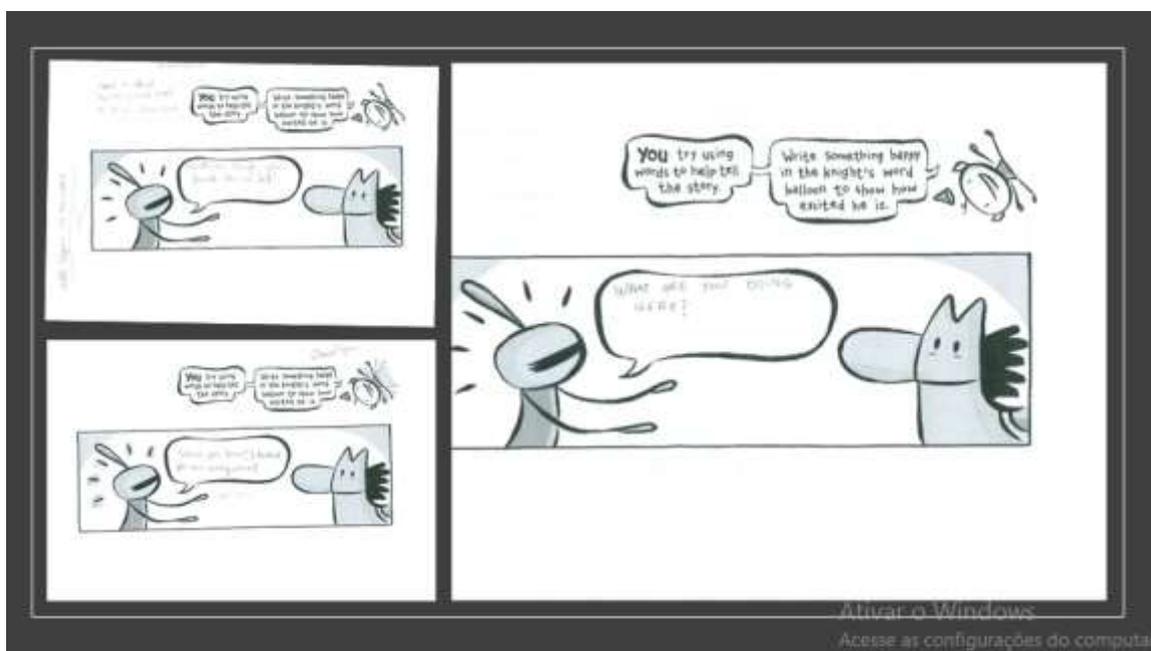
¹⁰ Balão de pensamento.

¹¹ Balão de explosão ou balão de grito.

¹² Balão de sussurro.

que eles haviam feito na primeira oficina. Após instruir os alunos de como e onde utilizar esses balões foi requisitado que eles fizessem a atividade na página 10 (figura 6) da apostila *Adventures in cartooning*, no qual eles teriam que fazer um diálogo. Houve bastante interação entre os alunos pois eles começaram a trocar suas atividades para poder visualizar o que cada um tinha escrito e apesar da sala ficar um pouco barulhenta por causa da empolgação dos alunos, foi muito interessante perceber que eles realmente entenderam a proposta das HQs e que estavam se divertindo enquanto aprendiam.

Figura 05 - Atividades da pagina 09, apostila *Adventures in cartooning*.



Fonte: Atividades realizadas pelos alunos (03/09/2018).

Figura 06 - Atividades da página 10, apostila *Adventures in cartooning*.



Fonte: Atividades realizadas pelos alunos (03/09/2018).

Após a finalização dessa atividade iniciamos um novo tópico e para introduzir os alunos de uma maneira lúdica levamos um vídeo que pode ser encontrado na internet, e nesse vídeo mostramos a diferença dos sons de animais em diversas línguas, o vídeo se chama *Bow Wow Meow - Animal Sounds in Different Languages*¹³. Em seguida foi apresentado para os alunos através de slides o que são Onomatopeias, para que elas servem, como usá-las e principalmente a diferença das onomatopeias em inglês e português.

Por fim para reforçar tudo que eles já tinham aprendido foi pedido para que eles fizessem a atividade da página 11 da apostila (figura 7), a qual fazendo uso dos balões e das onomatopeias e utilizando a língua inglesa os alunos tiveram que criar uma história em quadrinho. Ao final da atividade, assim como na aula anterior, os alunos apresentaram em língua inglesa o que haviam produzido.

¹³ Bow Wow Meow - Sons de Animais em Diferentes Idiomas.

Figura 07 - Atividades da página 11, apostila *Adventures in cartooning*.



Fonte: Atividades realizadas pelos alunos (03/09/2018).

3.3 - 3º dia de oficina pedagógica

O terceiro dia de oficina ocorreu 06 de setembro de 2018 às 14 horas e 30 minutos, e diferente das outras vezes não tive supervisão da professora regente e nem da professora orientadora. Dos 14 alunos que foram convidados para participar dessas oficinas somente 04 alunos compareceram, pois como ocorreu no período da tarde em um dia pré-feriado muitos alunos viajaram.

A oficina se iniciou com um debate sobre o que os alunos sabiam acerca da Segregação socioespacial, depois desse debate foi apresentado algumas *tirinhas*, *charges* e *cartuns* que criticavam essa desigualdade, enquanto cada imagem era apresentada os alunos comentavam o que mais tinha chamado a atenção e assim construímos um saber a respeito dessa segregação. Depois dessa discussão os alunos sentaram em duplas e juntos em uma folha A4 criaram uma tirinha sobre o tema que foi discutido.

3.4 - 4º dia de oficina pedagógica

No dia 10 de setembro de 2018 às 14 horas e 30 minutos sob a supervisão da professora orientadora foi realizado a quarta e última oficina com o gênero discursivo

quadrinhos. Dos 14 alunos que foram convidados para participar dessas oficinas somente 07 alunos compareceram no último encontro. O plano inicial era que no último encontro fosse apenas às apresentações das HQs produzidas a partir do tema segregação socioespacial, contudo, na sala havia alguns alunos que não tinham participado da oficina anterior. Após uma recapitulação do que foi explicado no terceiro dia de oficina. Os alunos foram muito caprichosos e críticos, para finalizar eles apresentaram as suas histórias e com isso foi encerrada as oficinas de Hqs (Figura 08).

Figura 08 – Produção livre.



Fonte: Atividades realizadas pelos alunos (27/08/2018).

4. Histórias em Quadrinhos como Recurso Didático

Toda essa experiência de aplicação das histórias em quadrinhos como recurso didático, elaborar, planejar e colocar em prática uma oficina foi desafiador. Viver essa experiência de aplicar uma oficina com esse gênero que tem ganhado cada dia mais espaço nos meios educacionais.

Durante a realização das oficinas com esses alunos de 9º anos, percebemos o quanto a história em quadrinhos instigou a curiosidade dos alunos já que está era do interesse de todos que ali estavam participando, principalmente com relação as onomatopeias, uma vez que essas possuem diferenças quando utilizadas na língua inglesa, agregando assim elementos fundamentais para o crescimento educacional dos alunos. Segundo Ferraz e Fusari (1993), as HQs, além de possuir uma linguagem artística e de comunicação social, provocam no público jovem grande interesse pois possibilita a interação e a imaginação, justificando assim a variedade de produções feitas pelos alunos que participaram da oficina.

Além da onomatopeia, outro elemento que instigou bastante os alunos foi a utilização dos balões, sendo que para cada balão se tem uma emoção ou acontecimento diferente a ser passado, o que ajudou os alunos a entenderem o que se passava mesmo sem reconhecer a princípio o vocabulário que este continha. Com isso, observamos que os alunos ao lerem o que está escrito no balão, mesmo sem entender todo o vocabulário que este abrange, uma junção entre a imagem e a função a qual aquele balão representa, tenha uma interpretação, sem a necessidade de traduzir literalmente tudo que está escrito no texto.

A fusão de símbolos, imagens e balões faz o enunciado [...]. Os balões, outro dispositivo de contenção usado para encerrar a representação da fala e do som, também são úteis no delineamento do tempo. Os outros fenômenos naturais [...] representados por signos reconhecíveis, tornam-se parte do vocabulário usado para expressar o tempo. Eles são indispensáveis ao contador de histórias, principalmente quando ele está procurando envolver o leitor. (EISNER, 1995, p. 28)

Nesse caso a utilização das onomatopeias, a relação com as imagens e a aplicação de diálogos curtos que estão presentes nas HQs, podem ajudar bastante na confecção no ensino de língua inglesa através da confecção das histórias em quadrinhos, já que essa era a proposta das oficinas. Sendo assim a utilização dos quadrinhos no Ensino de Língua inglesa é uma prática que deve ser levada em consideração, pois com ela é possível encontrar elementos facilitadores no processo de ensino e aprendizagem que podem ser

úteis ao entrar em contato com essa nova língua. De acordo com Saviani (1997), é plausível notar o papel do professor como “produtor de conhecimento” na sala de aula:

[...] tendo em vista o papel que lhe cabe desempenhar no processo de produção do conhecimento nos alunos, necessita não apenas dominar esses conhecimentos específicos, mas também os processos, as formas através das quais os conhecimentos específicos se produzem no âmbito do trabalho pedagógico que se desenvolve no interior da escola (SAVIANI, 1997, p. 131).

Neste sentido, o professor de inglês pode-se utilizar de todos os artefatos que as HQs trazem para estimular os alunos através de algo que eles gostem a ter contato com a língua, tendo que pesquisar sobre características físicas dos seus personagens, diálogos, ambientes, cores, além de ter uma cultura específica em volta deste.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi mencionado esta pesquisa teve por objetivos explicar o uso de histórias em quadrinhos como ferramenta pedagógica mediadora do Ensino de Línguas, e os aspectos favorecedores a sua utilização. Levando em consideração que com isso o ensino se *afasta* das aulas tradicionais voltadas apenas para a gramática. Sendo esse um mecanismo pedagógico acessível e funcional, pois a partir das HQs o aluno pode ter acesso ao conteúdo que foi apresentado durante as aulas da disciplina, além de poder tratar de questões sociais como nas oficinas realizadas para esse projeto.

Com isso, ensinar a partir das Histórias em Quadrinhos se faz importante pelo fato de que esse material está presente no dia a dia dos alunos e é uma leitura comum entre os jovens, a qual tem crescido e ganhado espaço não só nos livros didáticos como em vestibulares no geral. Voltar esse gênero para o ensino de Língua pode ser um método a se levar em consideração pelo professor, possibilitando o contato com a língua associada com imagens, balões que expressam fala, sentimentos e onomatopeias. Não sendo necessário que o aluno tenha domínio da língua ou faça uma tradução literal, palavra por palavra, do que tem acesso no texto.

Por fim, para que isso funcione, o professor precisa estar disposto a ser criativo, interativo e divertido e permitir que os seus alunos também sejam, além de ser necessário uma disposição de tempo que excede o habitual, para que proporcione a construção de novos saberes, desenvolvendo capacidades comunicativas, linguísticas e discursivas.

REFERÊNCIAS

- ALVES, J. M. **Histórias em quadrinhos e educação infantil**. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932001000300002&script=sci_arttext> Acesso dia 28/06/2019.
- BIBE-LUYTEN, S. M. **O que é História em quadrinhos**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental**. Brasília. MEC/SEF. 1998.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC. 2018. Disponível em:<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf>Acesso 20/06/2019.
- CALAZANS, Flávio Mário de Alcântara. **História em quadrinhos na escola**. São Paulo: Paulus, 2004
- CARVALHO, DJota. **A Educação está no gibi**. Campinas, SP: Papyrus, 2006.
- DOLZ, J; NOVERRAZ, M; SCHNEUWLY B. Sequências Didáticas para o Oral e a Escrita: apresentação de um procedimento. In: ROJO, R; CORDEIRO, G. S. (orgs.). **Gêneros Oraís e Escritos na Escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial: princípios e práticas do lendário cartunista**. Trad. Luís Carlos Borge. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo; FUSARI, Maria F. de Resende. **Metodologia do ensino de arte**. São Paulo: Cortez, 1993.
- FREITAS, A. S. Análise Literária e Quadrinhística e transposição do Conto Assassinos na Rua Morgue, de Edgar Allan Poe. **Porto das Letras**, ISSN 2448-0819, Vol. 03, Nº 02. Jul.-dez., 2017. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/3490>. Acesso em 26 jul. 2019.
- GUARESCHI, Pedrinho A. **Mídia, Educação e Cidadania: Tudo o que você quer saber sobre a mídia**. Petrópolis, RJ:Vozes, 2005.

LIMA, D. C.; ANDRADE, S. F. Políticas Linguísticas na Proposição de Ações na Seara do Ensino e Aprendizagem de Língua Inglesa: Reflexões Preliminares. *Porto das Letras*, ISSN 2448-0819, v. 2, n. 1, p. p. 73 - 87.

MARCUSCHI, Luiz Antônio: **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: *Gêneros textuais & ensino*. DIONÍSIO, Â. P.; MACHADO, A.R. e BEZERRA, M.A. (orgs.). 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARINHO, Elyssa Soares. Histórias em quadrinhos, a oralidade em sua construção. In: **III Congresso Nacional de Linguística e Filologia e I Congresso Internacional de Estudos Filológicos e Linguísticos, Rio de Janeiro: 2003**. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viiiicnlf/anais/caderno12-11.html>>. Acesso em 28/06/2019.

MOITA LOPES, L. P. **Inglês e globalização em uma epistemologia de fronteira: ideologia lingüística para tempos híbridos**. DELTA, São Paulo, v. 24, n. 2, 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-4502008000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso: 24/06/2019 doi: 10.1590/S0102-44502008000200006. Acesso em 23/06/2019.

NGUYEN, Ke. **Bow Wow Meow - Animal Sounds in Different Languages**. Retirado de <<https://vimeo.com/25215616>>. Acesso em 22/08/2018

NIEMTUS, Zofia. **How to teach ... graphic novels**. Retirado de <<https://www.theguardian.com/teacher-network/2015/nov/30/how-to-teach-graphic-novels>> Acesso em 24/08/2018.

OLIVEIRA, Adelaide P. de. Abordagens alternativas no ensino de inglês. In: LIMA, **Diógenes Cândido de. Ensino Aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas**. São Paulo: Parábola, 2009.

OLIVEIRA, M. E. M.; SOUZA, N. N. Didática e a Prática Docente nos Componentes Curriculares de Língua Portuguesa e Inglesa: Um Estudo de Caso em um Colégio no Município de Porto Nacional. *Porto das Letras*, ISSN 2448-0819, Vol. 03, Nº 01. Jan.-jun., 2017. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/4876>. Acesso em 07 jul. 2019.

PETERSON, A A A , Maria Inês Pagliarini Cox. **Inglês em tempos de globalização para além do bem e do mal**. Calidoscópio. N.1, p.5-14, jan/abr 2007

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

SANTOS, L. C. S. H. A representação da família nos livros didáticos de língua inglesa do programa PNLD 2014 – identidade, diferença e educação intercultural. *Porto das Letras*, ISSN 2448-0819, Vol. 01, Nº 02. Jul.-dez., 2015. Disponível em:

<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/1827>.

Acesso em 07 jul. 2019.

SAVIANI, Dermeval. **A função docente e a produção do conhecimento**. Revista educação e filosofia, Uberlândia, v. 11, n. 1 e 2, p. 127-140, jan./jun. e jul./dez. 1997.

STURM, James; FROST, Alex Frederick. **Adventures in Cartooning**. Retirado de <<https://images.macmillan.com/folio-assets/activity-guides/9781596435988AG.pdf>>.

Acesso em 20/08/2018.

SILVA, E. R. O Ensino Híbrido no Contexto das Escolas Públicas Brasileiras: Contribuições e Desafios. *Porto das Letras*, ISSN 2448-0819, Vol. 03, Nº 01. Jan.-jun., 2017. Disponível em:

<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/4877>.

Acesso em 07 jul. 2019.

VERGUEIRO, Waldomiro Castro Santos (Org.). **Como Usar as Histórias em Quadrinhos na Sala de Aula**. 2ª ed., São Paulo: Contexto, 2005, vol. 1, p. 157.